

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO  
PROJETO CONEXÃO LOCAL

**ÊXODO RURAL DAS NOVAS GERAÇÕES: POR QUE ESTÃO INDO  
EMBORA? QUAIS AS PERSPECTIVAS PARA QUE FIQUEM?  
Estudo de caso no Assentamento Ipanema (Iperó-SP)**

Estudantes: Ana Laura Ferrari, Clara Limongi, Jonas Batista, Marina Fontoura,  
Stefania Molina

Supervisor: Luiz Pinheiro Junior

São Paulo  
2016

# Sumário

Resumo.....	2
1. Introdução e Metodologia.....	3
1.1 Histórico da Flona e do assentamento Ipanema.....	6
1.2 O Assentamento Ipanema.....	8
2. Caracterização do problema: jovens do assentamento Ipanema estão indo embora.....	11
3. Importância do problema.....	13
4. Principais desafios do assentamento Ipanema na visão dos jovens.....	14
5. Perspectivas para que os jovens fiquem no campo.....	20
6. Conclusão.....	21
7. Bibliografia.....	22

## **Resumo**

[INTRODUÇÃO] O assentamento Ipanema é localizado no município de Iperó, São Paulo, ao lado da Floresta Nacional de Ipanema. O presente trabalho se insere no contexto do estabelecimento de uma nova relação entre o assentamento e a Unidade de Conservação. A demanda surgiu pelos administradores da Floresta Nacional de Ipanema, que buscam solucionar o histórico conflito de interesses através da cooperação com os moradores da região. A partir disso, o grupo ficou imerso no contexto da Floresta Nacional e do assentamento Ipanema durante o período de 21 dias para conseguir se inteirar sobre a situação.

[METODOLOGIA] O plano inicial da pesquisa foi fazer um diagnóstico da situação do assentamento Ipanema, e detectar os principais entraves enfrentados por aquela população para o desenvolvimento de uma cadeia de produção e comercialização sustentável. Para isso, um primeiro questionário foi estruturado, buscando entender os seguintes pontos: origem das famílias, produção e comercialização, cooperativismo e um espaço aberto para relatar novas informações. Ao todo, 33 famílias foram entrevistadas seguindo este roteiro proposto. Em um segundo momento, outro questionário, específico para os líderes das cooperativas e associações, foi elaborado para compreender mais a fundo como o assentamento se organiza e quais são os modelos de produção e comercialização existentes.

[RESULTADOS] Um dos principais apoiadores desta pesquisa foi o Grupo de Jovens do assentamento Ipanema, composto por seis jovens, que por meio de dinâmicas lúdicas (árvores de problemas), esclareceram quais eram os principais entraves enfrentados pelos moradores do assentamento: dificuldade na produção, dificuldade na comercialização, deficiência na infraestrutura e desunião. A partir de um convívio com os jovens, foi possível identificar um grande potencial do grupo, sendo no futuro, o principal articulador para promover mudanças e estabelecer um laço de cooperação entre o assentamento Ipanema com a Floresta Nacional de Ipanema. Embora isso tenha trazido esperanças, o principal resultado desta pesquisa foi perceber que os jovens estão indo embora do assentamento Ipanema. A importância disso é que as pessoas da ocupação inicial estão envelhecendo e não há sucessores aptos para dar continuidade nas atividades realizadas nos lotes, principalmente no plantio. Caso esse quadro persista, a tendência é que o assentamento Ipanema não produza avanços significativos e não tenha perspectivas de melhorias.

[CONCLUSÃO] Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo fazer um detalhamento da situação do assentamento Ipanema através da questão da juventude rural, que está migrando para a cidade. Se os jovens são o futuro do assentamento Ipanema, por que eles estão indo embora? E quais seriam as perspectivas para que eles ficassem? Assim, este trabalho busca responder essas duas questões.

## 1. Introdução e Metodologia

O assentamento Ipanema é uma divisão de terras rurais através de registro oficial realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na década de 1990, como fruto da luta por direito à terra organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ele está localizado no município de Iperó, a 25 quilômetros da área metropolitana de São Paulo, e conta com 150 lotes habitados pelas mais diversas famílias.

Na mesma região do assentamento está localizada a Floresta Nacional de Ipanema (FLONA de Ipanema), unidade de conservação florestal fundada por decreto presidencial em 1992 com o objetivo de preservar a mata atlântica da localidade. Desde as origens do assentamento e da Floresta Nacional, é possível identificar conflitos de interesses e um relacionamento conflituoso entre os líderes do assentamento Ipanema e os gestores das FLONA.

O presente trabalho se insere no contexto do estabelecimento de uma nova relação entre o assentamento e a Unidade de Conservação. A demanda surgiu pelo atual gestor da Floresta Nacional de Ipanema, Alexandre Cordeiro, vinculado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e pela gestora comunitária Isabela Curado. Ambos possuem uma relação de proximidade com as dinâmicas da localidade, uma vez que moram no território há alguns anos. O objetivo dos gestores, de modo geral, é a busca por uma solução para o histórico de conflito de interesses através da cooperação com os moradores da região.

A partir desse conhecimento inicial, nosso grupo de pesquisa ficou imerso no contexto da Floresta Nacional e do assentamento Ipanema durante o período de 21 dias para conseguir se inteirar sobre a situação. Fizemos visitas diárias às famílias do assentamento e buscamos entrevistar os mais diversos atores envolvidos com a questão, a fim de apreender visões diversas sobre o mesmo caso.

O objetivo de um assentamento não acaba na reforma agrária. Lê-se, no site oficial do MST, que “a luta não termina na conquista da terra, ela continua na organização simultânea da cooperação agrícola das ocupações”. Com base nesse entendimento, o plano inicial da pesquisa foi fazer um diagnóstico da situação do assentamento Ipanema na questão produtiva, detectando os principais entraves enfrentados por aquela população para o desenvolvimento de uma cadeia de produção e comercialização sustentável.

Nesse ponto, é importante destacar que o assentamento Ipanema está localizado na *zona de amortização* da FLONA. Segundo a lei que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, por zona de amortização entende-se o “entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com

o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade", como o avanço da cidade, poluição, ruídos e espécies invasoras. Esse arranjo cria uma relação entre ambas as partes que pode ser amistosa ou não.

Historicamente, nota-se que a relação institucional do ICMBio com os assentados depende mais de questões individuais do gestor em mandato do que de uma posição institucional do órgão. Nesse sentido, ao analisar as três últimas gestões, percebe-se uma mudança marcante na relação entre assentados e instituição, a depender da inclinação pessoal do gestor ou gestora em relação à luta pela terra.

A gestão atual mantém um posicionamento bastante claro em relação ao assentamento, apoiando a agricultura familiar na medida em que entende a importância de um nexo de cooperação entre as duas partes. Isso se dá porque é positivo para unidade de conservação manter um "cinturão verde" na sua área de amortização, se compararmos com a possibilidade de haver um conglomerado urbano na fronteira, por exemplo.

Diante dessa postura em relação ao assentamento, o atual gestor Alexandre Cordeiro demonstrou interesse em incentivar a produção de orgânicos por parte dos agricultores. Pelo ponto de vista de uma unidade de conservação, a produção orgânica é preferível à produção tradicional por banir o uso de produtos químicos, que podem danificar o solo da unidade de conservação. Além disso, é possível afirmar que a produção orgânica aumenta o retorno financeiro do agricultor e a saúde dos consumidores desses produtos.

Com base nesse cenário, uma das motivações iniciais por trás da realização da pesquisa era de mapear as principais dificuldades envolvidas na produção de orgânicos por parte das famílias do assentamento. E a partir desse diagnóstico a ideia seria verificar possíveis medidas para superar os déficits encontrados.

Para isso, um primeiro questionário foi estruturado, buscando entender os seguintes pontos: origem das famílias, produção e comercialização, cooperativismo e um espaço aberto para relatar novas informações. Ao todo, 33 famílias foram entrevistadas seguindo este roteiro proposto. Em um segundo momento, outro questionário, específico para os líderes das cooperativas e associações, foi elaborado para compreender mais a fundo como o assentamento se organiza e quais são os modelos de produção e comercialização existentes.

A partir disso, percebemos alguns gargalos primordiais que agricultores enfrentavam em relação a produção e comercialização de seus produtos tradicionais e orgânicos. As dificuldades identificadas têm relação com a técnica, cooperação e venda, sendo anteriores a desafios específicos à produção orgânica. Desta forma, foi necessário traçar um diagnóstico prévio à introdução do tema da produção orgânica na pesquisa.

No decorrer da primeira semana de pesquisa em campo, entretanto, foi possível notar um outro ponto crítico sobre o assentamento Ipanema. Jovens, em sua maioria filhos de militantes presentes desde a origem da ocupação da terra, estão saindo do campo em direção à cidade. Esse ponto desafia a continuidade do assentamento porque as primeiras gerações estão envelhecendo e, naturalmente, perdendo a capacidade de trabalhar na produção agrícola, deixando a terra sem perspectiva produtiva presente e futura.

Desta forma, passamos a enxergar esse tema como prioritário e o definimos como foco da pesquisa. Acreditamos que, desta forma, nosso enquadramento se dá também no longo prazo, evitando a visão míope que ignorava o fato de que os jovens não estão permanecendo no campo para colher os frutos de melhorias presentes.

A partir da definição do foco de pesquisa, buscamos nos aproximar dos jovens do assentamento Ipanema a fim de entender as dinâmicas de permanência e afastamento do campo. A presente pesquisa traz duas perspectivas sobre o fenômeno, uma através da visão dos pais, pertencentes às gerações mais antigas, e outra pertencente aos próprios jovens. Para apreender essa última, realizamos uma pesquisa presencial com os jovens a partir de dinâmicas lúdicas que buscavam, de modo descontraído, compreender suas maiores inquietações.

É essencial ressaltar que a autonomia dos jovens foi considerada em todas as partes da pesquisa. Se há o ímpeto por se mudar para a cidade, as motivações e ambições pessoais dos jovens devem ser respeitadas e ouvidas. O que se busca apreender, aqui, é um conjunto geral de situações que incentivam fortemente o êxodo rural de jovens, e, mais que isso, retiram as escolhas de permanência das pessoas que desejam seguir com a vida no campo. Para diagnosticar e propor mudanças para essa situação, a presente pesquisa teve como objetivo responder às seguintes perguntas: Quais razões explicam o êxodo rural dos jovens do assentamento Ipanema? Quais são as perspectivas para que eles tenham a oportunidade de permanência no campo?

Para cumprir com esse objetivo, um histórico mais detalhado das origens do assentamento Ipanema e da Floresta Nacional foi delineado em um primeiro momento. No restante da seção 1, um mapeamento geral do perfil dos assentados e dos desafios da produção e comercialização é disponibilizado a fim de familiarizar o(a) leitor(a) com o contexto da localidade. Na seção 2, o foco da pesquisa é apresentado na visão das gerações mais antigas e dos jovens. A seção 3, por sua vez, tenta responder uma questão crucial: por que o problema importa? Por fim, as seções 4 e 5 apresentam a visão dos jovens em relação aos desafios enfrentados pelo assentamento, em geral, assim como os desafios enfrentados

especificamente pela juventude. A conclusão se apresenta na seção 6, resumizando os achados da pesquisa e cumprindo os objetivos da mesma.

### **1.1 Histórico da Flona e do assentamento Ipanema<sup>1</sup>**

A área em que atualmente se insere a Floresta Nacional de Ipanema e o Assentamento Ipanema é situada a aproximadamente 25 quilômetros de Sorocaba, município do estado de São Paulo. O território nunca esteve sob o domínio da propriedade privada: ainda no século XVI, colonizadores subordinados à Coroa Portuguesa exploraram tradicionais caminhos indígenas, se deparando com o Morro Araçoiaba. As terras encontradas eram ricas em magnetita, minério essencial para a fabricação de ferro, e foram palco da primeira tentativa de fabricação de metal em solo americano, em 1589.

Em 1808, a chegada da Coroa Real ao Brasil tinha como um dos objetivos o incentivo ao desenvolvimento econômico da colônia. Em 1810 foi fundada a “ Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema” na localidade.

Com a proclamação da República (1889), o local passou a ser administrado pelo Ministério da Guerra, que o transformou em quartel e depósito. Desde então, as terras permaneceram sob controle do governo. Nesse tempo, foram utilizadas para a exploração de fosfato, para testes de máquinas agrícolas e para testes de aviões utilizados para a aplicação de produtos químicos nas plantações.

Com o processo de redemocratização do Brasil, ideais sociais-democráticos tomavam corpo em diversos movimentos sociais, como no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O principal objetivo do movimento era a realização da reforma agrária através da ocupação organizada de territórios públicos e privados. Segundo o site oficial do MST,



“a ditadura implantou um modelo agrário mais concentrador e excludente, instalando uma modernização agrícola seletiva, que excluía a pequena agricultura, impulsionando o êxodo rural, a exportação da produção, o uso intensivo de venenos e concentrando não apenas a terra, mas os subsídios financeiros para a agricultura”.

Nesse contexto, interesses conflitantes começaram a surgir em relação ao uso do território. Por um lado, o Estado planejava a criação de uma estação ecológica em parte da localidade, com o objetivo de preservar a área restante da Mata Atlântica no Estado de São Paulo. Por outro lado, o MST começou a se organizar para ocupar parte da mesma área, identificada por eles como território público sem uso social.

---

<sup>1</sup> Seção desenvolvida com base em dados recolhidos em pesquisa de campo e dados encontrados no site oficial do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/flonaipanema/floresta-nacional-de-ipanema.html>>. Acesso em: 18 de out. 2016.

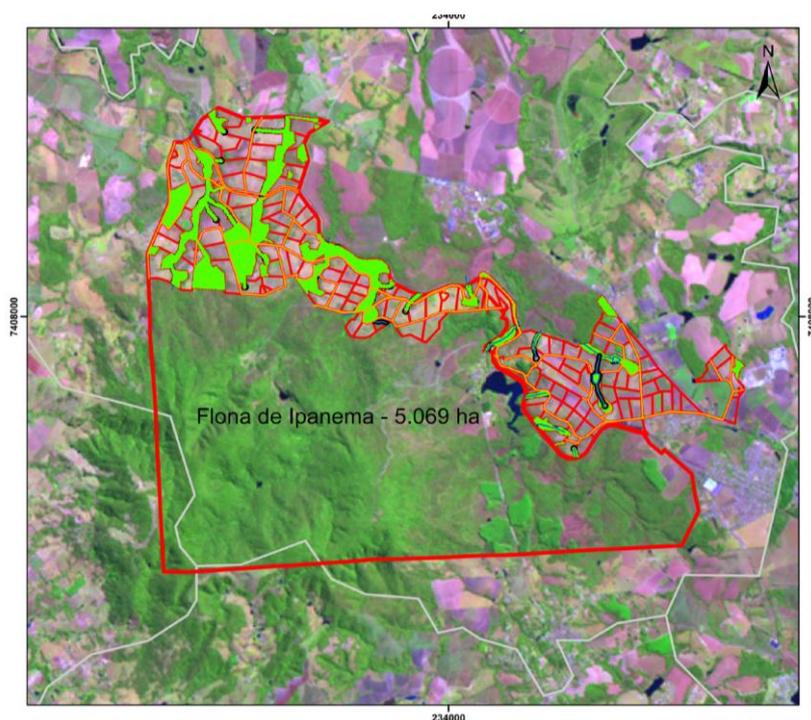
Na madrugada do dia 16 de maio de 1992, o MST ocupou a localidade, após dois anos de articulação nos estados de São Paulo e Paraná, principalmente. Estima-se que inicialmente 800 famílias tenham montado lonas para a ocupação, mas ao final de 5 anos, uma parcela dos militantes abandonou o acampamento pelas difíceis condições encontradas no local ou para apoiar o MST em outras localidades.

Quatro dias depois do início da ocupação, o presidente Fernando Collor de Mello assinou o Decreto 530 que instituiu a Floresta Nacional de Ipanema (FLONA) na localidade (contemplando uma área de 5.069,73 ha), administrada pelo órgão público Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Esse plano de fundo moldou toda a relação do assentamento Ipanema com a Floresta Nacional.

Ao final de 5 anos de ocupação do MST, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) oficializou o Assentamento Ipanema, dividindo os lotes entre os ocupantes e criando uma listagem oficial de assentados no dia 14 de dezembro de 1995. Desde então, a localidade apresenta 150 lotes, que possuem em média 9 hectares. Vale destacar que, nesse conflito, o INCRA oficializou a divisão de terras em uma área em que já havia proprietário formal - a FLONA. Nesse sentido, vemos um conflito entre duas entidades federais cujo os orçamentos provêm da mesma origem, a União, caracterizando uma sobreposição de responsabilidades.

No mapa abaixo (Imagem 1), a linha vermelha mais espessa diz respeito à área da FLONA. A linha vermelha mais fina indica a divisão de lotes do Assentamento Ipanema, que é dividido em Ipanema I (mais à direita) e Ipanema II (mais ao norte e à esquerda). Como podemos notar, apenas o Assentamento Ipanema I está inserido dentro do território da FLONA.

Imagem 1: Limites da FLONA, Limites do Assentamento Ipanema e conflito de posse



*Fonte: ICMbio*

## **1.2 O Assentamento Ipanema**

Após a realização de 33 entrevistas em campo, de discussões com os administradores acerca da percepção do local estudado e do compilamento desses dados, o conhecimento do grupo sobre o Assentamento Ipanema se tornou substancial. Assim, demos continuidade ao êxodo rural dos jovens como foco de pesquisa.

Entretanto, consideramos importante reunir informações quantitativas e qualitativas sobre a realidade dos assentados. Começamos por um leque de questões diversas, tais como renda, escolaridade, histórico dos moradores e percepções dos mesmos sobre as principais dificuldades da localidade, a fim de introduzir, posteriormente, o foco principal da pesquisa: o papel dos jovens nesse contexto.

A origem dos assentados é bem diversa: muitas famílias seguiram o fluxo migratório, vindo do Norte e Nordeste do país para o Estado de São Paulo, em busca de uma melhor condição de vida. Além disso, existe uma parcela significativa dos assentados que veio do Paraná. No começo da ocupação, a maioria dos assentados residia no interior do estado, participantes de movimentos populares em cidades como: Santa Bárbara d'Oeste, Sumaré, Sorocaba, Campinas, Piracicaba e São José do Rio Preto. Nesse contexto, entraram em contato com o MST, sob grande influência da Igreja Católica. O MST importou militantes para ocupar

a fazenda, influenciando a vinda de pessoas para o assentamento. O desemprego e a miséria na cidade foram mencionados por quase todos os entrevistados.

Durante as conversas percebemos que grande parte dos entrevistados são filhos de agricultores: “nascidos e criados na roça”, assim, já dispunham de algum conhecimento sobre a produção rural. Porém, a vida e trabalho na cidade influenciam na perda desse conhecimento, promovendo uma lacuna de conhecimento acerca da produção agrícola. Em alguns casos, o trabalho em sítios promoveu um desejo nostálgico de volta à terra; outro perfil de assentado não possui ligação com a terra, mas preferiu o meio rural para não arcar com os altos custos da cidade.

Tendo em vista a variedade de perfis na localidade, podemos dividir os moradores do Assentamento Ipanema em duas gerações. A primeira é composta por moradores que participaram da ocupação inicial quando eram jovens ou adultos. A segunda geração é composta por filhos desses moradores, que na época da ocupação eram dependentes de suas respectivas famílias, cresceram (ou nasceram) no assentamento e não possuem um profundo envolvimento com as causas do MST.

Ainda existem moradores que foram oficialmente reassentados pelo INCRA (perante a desistência ou desapropriação de um assentado anterior) em lotes do Ipanema I e II, mas também não possuem histórico de luta pela terra naquela localidade. Por fim, existem moradores que compraram o lote ilegalmente. Em sua maioria, esse grupo não tem o objetivo de produzir. Atualmente, são poucos os moradores que estão nessa situação, uma vez que o INCRA desapropriou a terra de moradores ilegais no começo da última década.

É interessante pontuar que a grande maioria dos assentados - os que têm relação com o histórico da ocupação inicial - não corrobora com a compra ilegal de lotes. Para eles, seguir a lista de assentados do INCRA é uma questão de igualdade e justiça. Moradores antigos e regularizados alertam os novos moradores ilegais que estes não têm direito àquela terra e que a fiscalização poderá reapropriá-la. A posição da atual gestão da FLONA é a mesma.

A composição das famílias do Assentamento Ipanema é diversa. Geralmente, quando a segunda geração ainda é dependente da primeira ou não possui família própria, há apenas uma casa no lote. Quando a segunda geração possui família própria e procura mais autonomia, é comum encontrar mais de uma casa construída no mesmo lote. Há, também, casais de adultos e casais de idosos que compartilham uma casa enquanto os filhos se mudaram para o meio urbano.

A divisão de atividades e as profissões das famílias segue um modelo tradicional de divisão de tarefas por gênero. Desta forma, a atividade principal do pai de família -

principalmente o pai de família da primeira geração - é na agricultura do lote. A mãe de família, por sua vez, tem como principal atividade os cuidados da casa e dos filhos, mas também contribui para a agricultura.

A expectativa em relação aos filhos é diversa. Alguns membros da segunda geração optam por se casar e permanecer na terra, outros buscam empregos no meio urbano (formais ou informais) e outra parcela foca nos estudos de nível superior. Essa geração é mais propícia a buscar empregos ou mudar-se para o meio urbano, algo que será explorado a fundo posteriormente.

A principal fonte de renda da maior parte das famílias é a agricultura e a criação de animais. Assim, a maioria dos moradores do assentamento faz parte de alguma cooperativa e/ou associação. Apesar da base desses grupos ser a cooperação e a união entre os membros, desavenças e afinidades resultaram na criação de 6 cooperativas e 1 associação no assentamento de 150 lotes, o que pode ser considerado desproporcional. Além disso, aposentadoria é a fonte que permite que casais de idosos permaneçam na terra mesmo sem condições de saúde para exercer o plantio.

 Em relação à escolaridade, mais da metade dos entrevistados concluíram, no mínimo, o Ensino Fundamental II (19 dos 33). Foi possível observar que a busca pelo ensino superior é uma possibilidade que cada vez mais recorrente entre os jovens. Entretanto, as dificuldades enfrentadas na realização dessa expectativa se iniciam na qualidade das escolas públicas frequentadas pelos jovens do assentamento e alcançam o transporte público, que é inexistente na localidade.

A ausência do transporte público provoca a priorização da compra de um carro ou moto. Estes se tornam os principais meios de transporte entre os assentados para a realização de tarefas comuns como idas ao banco, supermercados ou farmácias (algo que ocorre pelo menos uma vez por semana para a grande maioria dos entrevistados). Sem um transporte privado, os moradores dependem do ônibus escolar, que circula apenas quatro vezes por dia e não inclui a cidade de Sorocaba ou Iperó - maiores cidades da região - em sua rota.

Por fim, tendo como base as entrevistas e a dissertação *“Da Formação de Grupos à Ação Coletiva: Uma Análise com Grupos de Jovens do Assentamento Rural da Fazenda Ipanema – Iperó SP”* de Cristina Suarez, foi possível identificar que o MST não está mais presente no assentamento Ipanema. Segundo a autora, o afastamento do movimento se deu por um conflito entre os assentados e os líderes do MST: “Alguns dos técnicos que trabalhavam pelo MST naquela ocasião, se viram obrigados a sair da coordenação, por pressões locais.

Aparentemente, haviam perdido a legitimidade” (VELASQUEZ, 2002, p. 81)<sup>2</sup>. Dessa forma, percebemos uma contradição entre o que o movimento prega, e o que na prática acontece.

## **2. Caracterização do problema: jovens do assentamento Ipanema estão indo embora**

A principal descoberta desta pesquisa foi perceber que os jovens do assentamento Ipanema estão se mudando para a cidade. Chegamos a esta conclusão a partir de duas fases distintas: a primeira de caráter mais exploratória, e a segunda seguindo uma entrevista estruturada.

Durante o período de imersão, conversamos com 33 famílias, e perguntamos quais eram as suas expectativas em relação aos jovens: se eles iriam ficar, ou se iriam embora do assentamento Ipanema. Na maioria dos casos, tivemos uma visão do pai ou da mãe da família falando sobre os seus filhos. Vale ressaltar que a amostra de 33 famílias corresponde aproximadamente à 22% da população, já que o assentamento tem 150 lotes registrados. Para o fim desta pesquisa, a amostra será considerada significativa.

Com o intuito de comparar pontos de vista diferentes, em um momento posterior, conversamos com o Grupo de Jovens do assentamento Ipanema. Cinco jovens se dispuseram a responder se gostariam de permanecer, quais eram suas motivações para ficar e como eles enxergam a migração dos jovens para a cidade. Com isso em vista, explicaremos como chegamos ao desafio central - os jovens do assentamento Ipanema estão indo embora - a partir das expectativas dos pais em relação aos filhos e a visão do jovem sobre o êxodo rural.

### **b. Sob o ponto de vista dos pais**

A partir da conversa com as 33 famílias, foi possível dividir as respostas em três grupos:

a) O primeiro grupo não demonstra aptidão para a vida no meio rural, assim, transmite o desinteresse para as gerações seguintes, que por sua vez, apresentam maior propensão à migração para a cidade. Os 16 entrevistados que nele pertencem, apontam que "só quem estuda tem valor para a sociedade", "meus filhos são tudo estudado, roça não é para eles não, espero que meus netos tenham interesse" e ainda ressaltaram a importância de ter um salário fixo, como algo que só poderia ser garantido na cidade. Outra entrevistada, moradora do assentamento há 11 anos, disse que os filhos estão na cidade trabalhando em firmas. Em outro

---

<sup>2</sup> VELASQUEZ, C. Da formação de grupos à ação coletiva: uma análise com grupos de jovens do assentamento rural da fazenda Ipanema - Iperó-SP. 2002. 145 p. Dissertação (Mestrado) – USP Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba. 2002.

caso semelhante, todos os filhos moram na cidade e não pretendem voltar (os pais gostariam de se mudar, inclusive). “São raros os casos dos jovens que ficam”, em geral, “eles querem ir para a cidade”. Algumas mães defendem a transição do campo para cidade, apoiando a ideia de trabalhar na terra durante o dia e frequentar a faculdade no período noturno: “quero que a minha filha escolha seu próprio futuro, mas espero que não seja na terra porque não dá retorno”.

b) O segundo grupo valoriza a permanência no campo, mas a realidade que o jovem se encontra inserido impede que ele satisfaça suas necessidades de lazer, consumo e formação, que por consequência, colabora para uma aproximação com a cidade. Apesar dos filhos serem crianças, alguns pais já consideram a mudança para a cidade por conta do acesso aos estudos, transporte, internet e outros: “se isso não melhorar, eles não ficam”. Isso se dá porque os jovens querem ter uma condição de vida que os pais não são capazes de dar, por isso buscam alternativas na cidade. Um agricultor entende que é a tecnologia que vai fixar os adolescentes no campo: “sem ela, ninguém quer ficar roçando”. A filha de 14 anos de um entrevistado trabalha em um supermercado da cidade. O pai disse que não a culpa, pois quando era mais nova a vida na fazenda era muito difícil. Ele tem outra filha que cursa turismo e, por sua vez, pretende voltar e ajudar a comunidade de alguma forma. Inquieto com a situação, outro entrevistado ainda comentou que deveria haver uma abordagem disciplinar nas escolas sobre agricultura, com o objetivo de fomentar e desenvolver uma cultura de pertencimento a terra; também citou a relevância de reter as crianças na localidade para manter o desenvolvimento.

c) O terceiro grupo, além de valorizar o modo de vida rural, consegue disseminar aos filhos o ideário da vida no campo, que passarão a se esforçar a permanecer na terra apesar dos desafios. Um produtor percebe que a atual crise econômica tem feito alguns jovens voltarem para o campo: “tem terra garantida, alimento garantido, casa, emprego e segurança, você não passa fome”. No entanto, a fala mais recorrente dos 12 entrevistados deste grupo foi que os “filhos vão permanecer aqui, porque são crias da terra”. Uma família entrevistada tem a opinião de que é melhor ficar no campo e incentiva os filhos a ficarem no sítio, “porque se já está difícil no campo, na cidade está ainda mais”. Inclusive, dois filhos são formados em um curso técnico de Agroecologia e são ativos na gestão do sítio e apoio à comunidade local. De maneira análoga, alguns pais disseram que os filhos não têm interesse pela cidade - querem ficar no assentamento para darem continuidade à produção - e que são encorajados a estudarem, mesmo que depois retornem ao campo.

## **b. Sob o ponto de vista dos jovens**

Um dos principais apoiadores desta pesquisa foi o Grupo de Jovens do assentamento Ipanema. A partir de uma entrevista estruturada com cinco jovens, foi possível confirmar o que havia surgido nas 33 entrevistas com as famílias: os jovens do assentamento Ipanema estão indo embora.

Pelo discurso dos jovens, ficou claro que a desvalorização da cultura do campo seria um grande incentivo para a saída dos jovens do assentamento. Como retratado por um dos integrantes do grupo, “os jovens são induzidos, inconscientemente e coletivamente, a deixarem o assentamento, pela falta de perspectivas de trabalho, renda e qualidade de vida”.

O Grupo de Jovens do assentamento Ipanema, segundo uma das integrantes, tem como objetivo “fortalecer a juventude para trazer mudanças no assentamento, tirando o de sempre, e tentando o novo para conseguirmos melhorias”. O grupo está no processo de formação: hoje ele é composto por seis jovens, que tentam se reunir pelo menos uma vez por mês na área de convivência comum (um "barracão") na área II do assentamento Ipanema. A dificuldade na formação do Grupo de Jovens, já é por si só, um indício de que, mesmo para quem mora no local, está difícil visualizar onde estão os jovens do assentamento Ipanema. Segundo os jovens, “a existência de uma base familiar que incentive a permanência no campo seria o começo para o jovem querer ficar no assentamento”.

## **3. Importância do problema**

Dado que os jovens estão indo embora do assentamento Ipanema, foi preciso entender a relevância deste problema. De outro modo, a partir da caracterização do problema, apontar quais são os impactos dessa migração para o desenvolvimento local.

Tomando como base a lista de 2014 do INCRA foi possível observar que das 143 famílias registradas, 114 estão desde a ocupação inicial, ou seja, desde a data de criação do assentamento Ipanema, em dezembro de 1995. Com a migração dos jovens para a cidade, não há sucessores aptos para dar continuidade nas atividades realizadas nos lotes, principalmente no plantio. Com o envelhecimento dos produtores do assentamento Ipanema, identificamos a queda da produtividade pelo desgaste físico dos produtores que perdem a capacidade de produzir com a mesma intensidade.

Outro ponto crucial para o entendimento do contexto é o aumento da oportunidade de estudo para a nova geração. Na maioria dos casos, esse estudo não é aplicado para o desenvolvimento da comunidade local, e representa uma ponte para a mudança para a cidade

- poucos optaram por desenvolver a habilidade da produção rural. Desta forma, na medida em que os pais envelhecem, os jovens sofrem com essa lacuna de conhecimento acerca da lavoura e da terra. Por outro lado, o fato dos jovens receberem maior grau de educação trouxe novos pontos importantes que antes não haviam sido questionados no sistema de funcionamento do assentamento. A preocupação com a sustentabilidade, preservação da natureza e produção orgânica são pautas evidenciadas e que recebem relevância por conta da juventude que passou a ampliar seu ponto de vista acerca de suas realidades.

A juventude que migra para os centros urbanos e intensifica o êxodo rural e o esvaziamento demográfico do campo acaba por provocar inchaço nos centros urbanos que os recebem e ficam vulneráveis a falta de serviços públicos e a baixa qualidade de vida. Além disso, a falta de sucessão no campo pode impactar no abastecimento de alimentos na região. Hoje, a agricultura familiar é responsável por produzir 70% dos alimentos consumidos por brasileiros<sup>3</sup>, "Se o campo não planta, a cidade não janta. ", diz o ditado que se populariza.

Ademais, o último Censo Demográfico, de 2015, demonstrou que das 30 milhões de pessoas habitam a zona rural, 27% delas são jovens. Estabelecer condições para que tenham a oportunidade de ficar no campo não é apenas um desafio brasileiro, mas mundial: a criação de renda somada a outros diversos fatores assola a vivência do jovem nesse ambiente. Segundo Luiza Dulci, funcionária do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário)<sup>4</sup>, aponta que apesar de políticas públicas serem direcionadas para a população jovem do campo, como o direcionamento de 30% dos lotes da reforma agrária para esse público ou o direcionamento de extenso crédito fundiário, a ilusão das oportunidades que a cidade pode proporcionar ainda é um obstáculo a ser desconstruído.

#### **4. Principais desafios do assentamento Ipanema na visão dos jovens**

A partir do diagnóstico de que os jovens não querem permanecer no campo, e têm aproveitado oportunidades de trabalho em zonas urbanas, o grupo considerou importante levantar quais os principais entraves enfrentados pelo assentamento Ipanema que podem explicar esse fenômeno. Assim, aproveitando o contato com o grupo de jovens, organizamos uma reunião para elencar quais os principais desafios enfrentados em Ipanema I e II. Utilizou-

---

<sup>3</sup> PORTAL BRASIL. Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>>. Acesso em: 17 de out. 2016.

<sup>4</sup> ANDRADE, R. Luiza Dulci do MDA fala sobre o êxodo rural de jovens. Jornal Entreposto, 2015. <<http://www.jornalentreposto.com.br/je-revista/61-vida-rural/713-luiza-dulci-do-mda-fala-sobre-o-exodo-rural-de-jovens>>. Data de acesso: 20 de out. 2016.

se a dinâmica das "árvores de problemas", no qual representa graficamente o desafio (no tronco), suas causas (raízes) e quais consequências são causadas para a população envolvida (na copa da árvore, em seus galhos e folhas) - ilustrado na Figura 1.

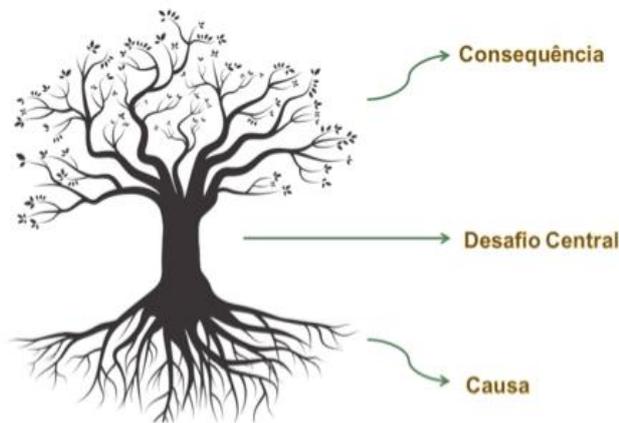


Figura 1

Pedimos para que todos escrevessem em um papel qual seria, na visão deles, o maior problema do assentamento atualmente. Depois, pedimos para que cada um compartilhasse seu ponto de vista com o grupo. Com isso, chegamos em quatro pontos principais: dificuldade na produção, dificuldade na comercialização, deficiência na infraestrutura e desunião. Feito isso, nos dividimos em quatro grupos, para cada um discutir um tema. Ao final da dinâmica percebemos que os desafios apontados se relacionam com o que foi descrito durante as 33 entrevistas realizadas com os moradores do assentamento. Os resultados desta dinâmica serão discutidos a seguir:

Como pode ser observado na Figura 2, as dificuldades enfrentadas pelos agricultores começam com uma baixa produtividade, ou uma produtividade inexistente. Ao longo das entrevistas com as famílias, um tema que repercutiu bastante foi a falta de assistência técnica. Atualmente, com o rebaixamento do MDA à condição de Secretaria - passando a ser responsabilidade da Casa Civil - a assistência técnica que era oferecida no assentamento foi extinta. Quando presente, muitos agricultores disseram que a assistência técnica era “voltada muito mais para questões burocráticas do que para o enriquecimento do conhecimento no campo”.

Os agricultores, na maioria, não fazem um planejamento produtivo. Cada um decide o que produzir individualmente, e como consequência, muitas pessoas produzem os mesmos produtos. Os principais alimentos produzidos são: mandioca, milho, quiabo, banana, hortaliças, goiaba, limão taiti e abóbora. Ficou visível que a decisão do que produzir é feita pela facilidade do cultivo e o aumento dos preços (aumento da demanda). Muitos agricultores não fazem um

controle de custos, nem mesmo um diário, para detalhar o que foi produzido e os custos auferidos. Como a compra dos insumos é feita isoladamente falta capital para investir na terra.

Como consequência dos problemas listados acima, fica evidente que a transição para a produção orgânica ainda está longe de ser atingida.

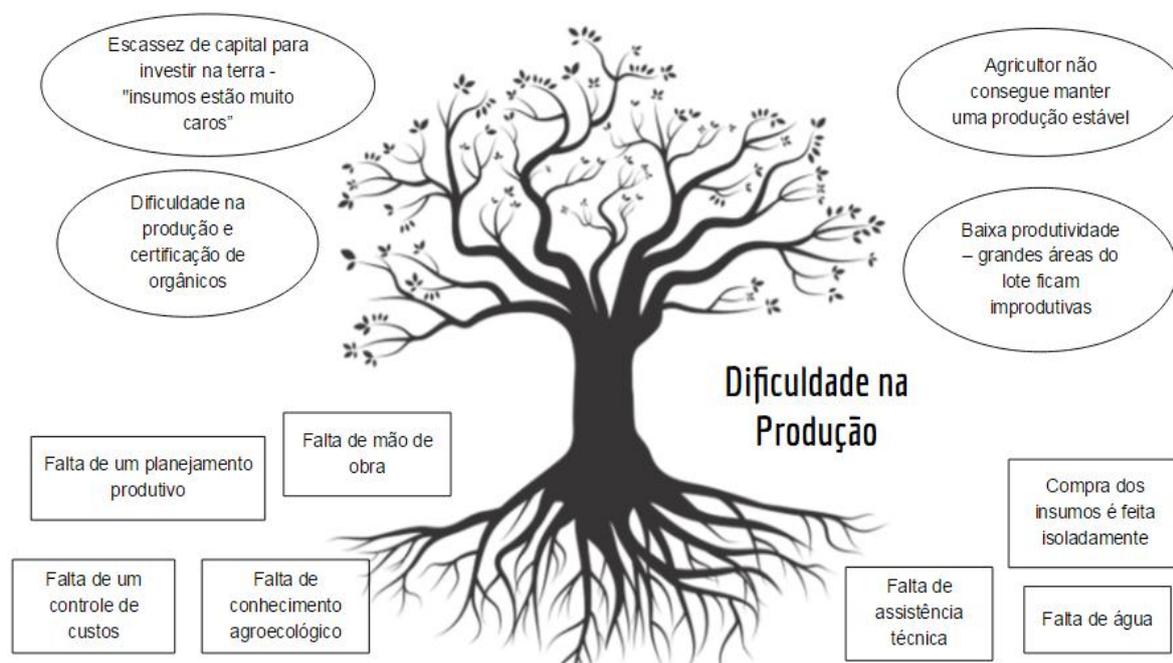


Figura 2

A dificuldade na comercialização, apresentada na Figura 3, decorre diretamente da dificuldade na produção. Devido a pouca variedade de alimentos produzidos e a dificuldade de ter uma produção permanente, os assentados dificilmente conseguem penetrar novos mercados, ficando reféns dos programas do governo - principalmente o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar)<sup>5</sup>. Conversando com os presidentes das cooperativas, foi possível identificar que as organizações têm um foco na comercialização, e que o processo produtivo é independente. No entanto, muitos cooperados não conseguem atingir a cota estipulada - por conta da dificuldade na produção - e as cooperativas perdem (ou deixam de atender) às chamadas públicas das prefeituras.

Durante as 33 entrevistas, ficou evidente o descontentamento das famílias em relação a

<sup>5</sup> CAMARGO, R.; BACCARIN, J.; SILVA, D. O papel do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no Fortalecimento da Agricultura Familiar e Promoção da Segurança Alimentar. Revista Temas de Administração Pública. Araraquara, v.8, n.2, 2013.

gestão das cooperativas. Muitos rumores começam a surgir quando um representante é visto com um caminhão novo, ou com qualquer símbolo que transmita uma espécie de “ascensão social”. O problema se intensifica com a falta comunicação entre a diretoria e a base das cooperativas: de um lado os cooperados reclamam do pagamento atrasado, de outro, os dirigentes estão insatisfeitos com a falta de quantidade entregue. Com a falta de diálogo, cria-se um quadro de deslegitimação das cooperativas, favorecendo a entrada de atravessadores e contribuindo para o empobrecimento local.

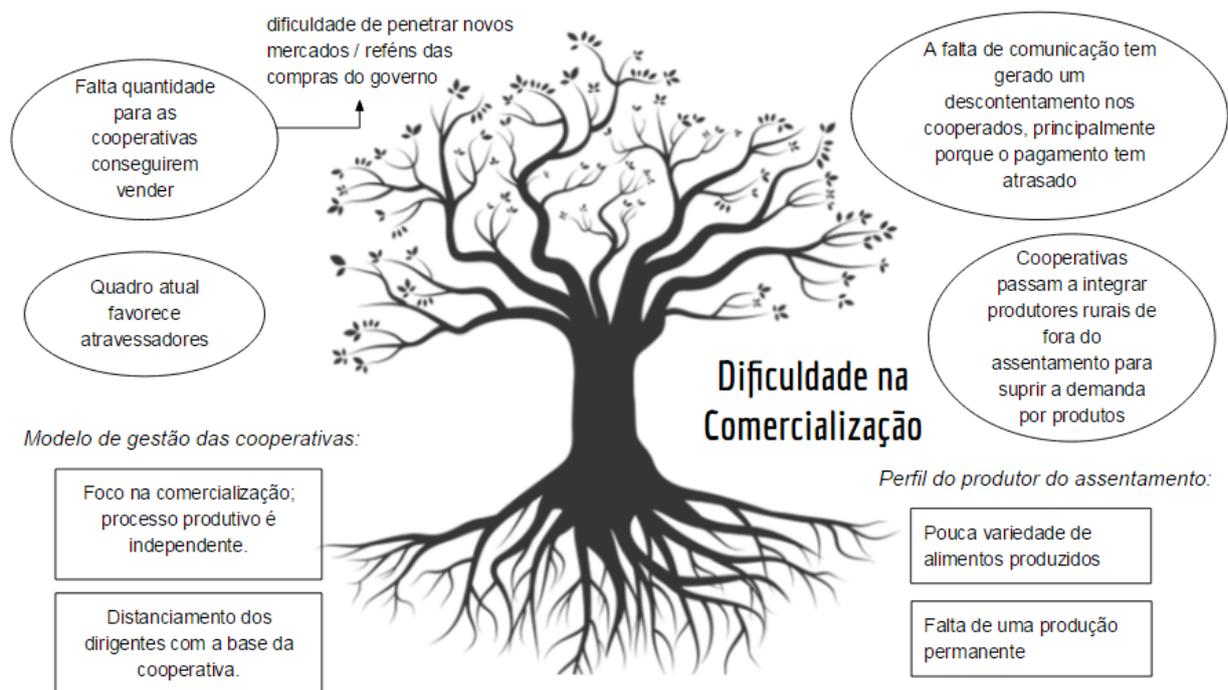


Figura 3

O principal desafio apontado pelos jovens, descrito na Figura 4, foi a desunião dos moradores do assentamento, que acredita-se ser causada por: falta do hábito de se reunir em grupo; individualismo; questão de gênero (que distingue tarefas e responsabilidades exercidas por homens e mulheres); separação e certa rivalidade entre Ipanema I e II (ocasionada pela distância e maneira de produção lotes das diferentes áreas); falta de diálogo (presente não apenas dentro de casa, mas também entre os moradores e os líderes do assentamento); centros comunitários existentes ligados a religião (o que promove separação entre os religiosos de diferentes doutrinas); conflito de gerações (as diferentes gerações que convivem em conjunto demonstram interesses distintos) e finalmente, um número excessivo de moradores querendo assumir liderança, “muito cacique para pouco índio”. Como consequências do problema apresentado está o enfraquecimento do movimento social, iniciado com a falta de

alinhamento dos objetivos em comum dos moradores; o afastamento do jovem do campo, que pode ocasionar o esvaziamento da mão de obra capaz de assumir o trabalho e a falta de perspectivas de melhorias na região.

Apesar de a maioria dos entrevistados relatarem um relacionamento tranquilo com seus vizinhos ou com outros produtores, atribuíram o mesmo diagnóstico de desunião evidenciado pelos jovens: "aqui é cada um por si", relata uma agricultora. Foram recorrentes as narrativas de que durante o período de "lona", o passo inicial de ocupação da terra pelo MST, as famílias cooperavam entre si em busca de um objetivo em comum, quando a terra foi loteada o costume de se ajudar foi se perdendo e hoje são poucas que mantiveram a proximidade.

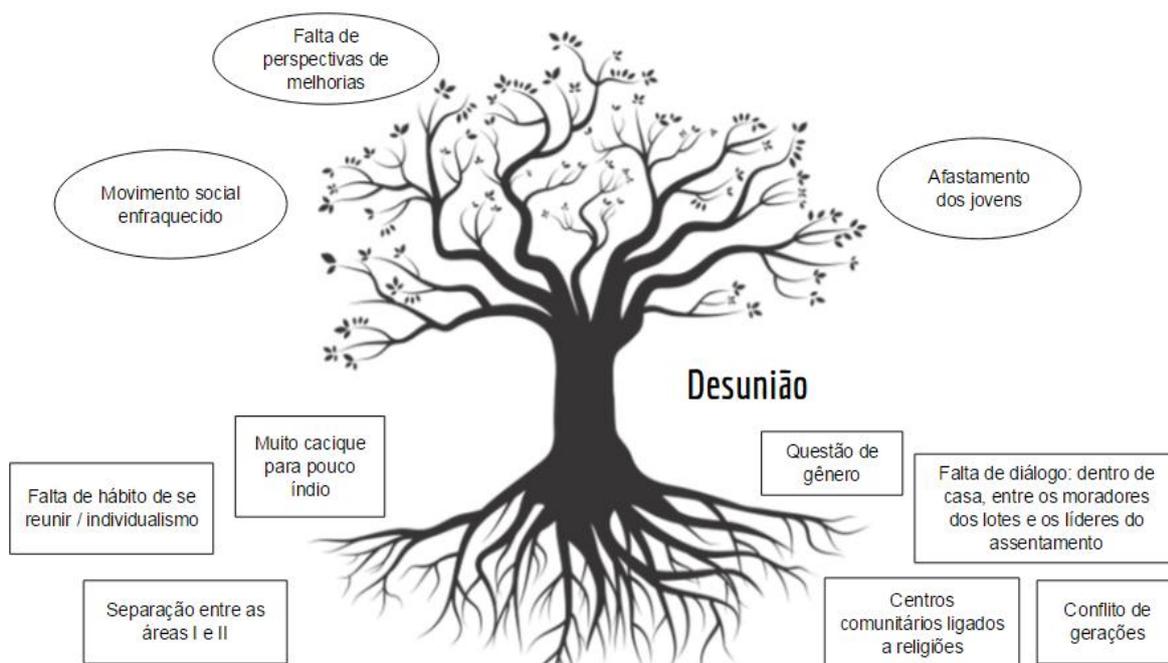


Figura 4

A deficiência de infraestrutura (Figura 5) foi apontada como desafio que abrange todos os outros, por estar intimamente ligada a locomoção de pessoas e produtos e impactar na possibilidade de sítar possíveis locais de encontro entre os moradores. Foi apontado como desafio pois o assentamento sofre com a precariedade das estradas, falta de água, falta de espaços de lazer, falta de transporte público e a escola que pouco se relaciona com o espaço em que faz parte. Essas razões promovem a dependência no transporte individual, tanto a produção como a comercialização são prejudicadas; moradores ficam "isolados" em suas casas (o que impacta numa possível integração); buscam equipamento de lazer na cidade, se ausentando do ambiente do assentamento; sofrem com a falta de condições básicas de moradia

(outro motivo para a fuga para a cidade) e, por fim, jovens se tornam reféns do precário transporte escolar, sofrem com atrasos e por vezes com a caminhada a pé.

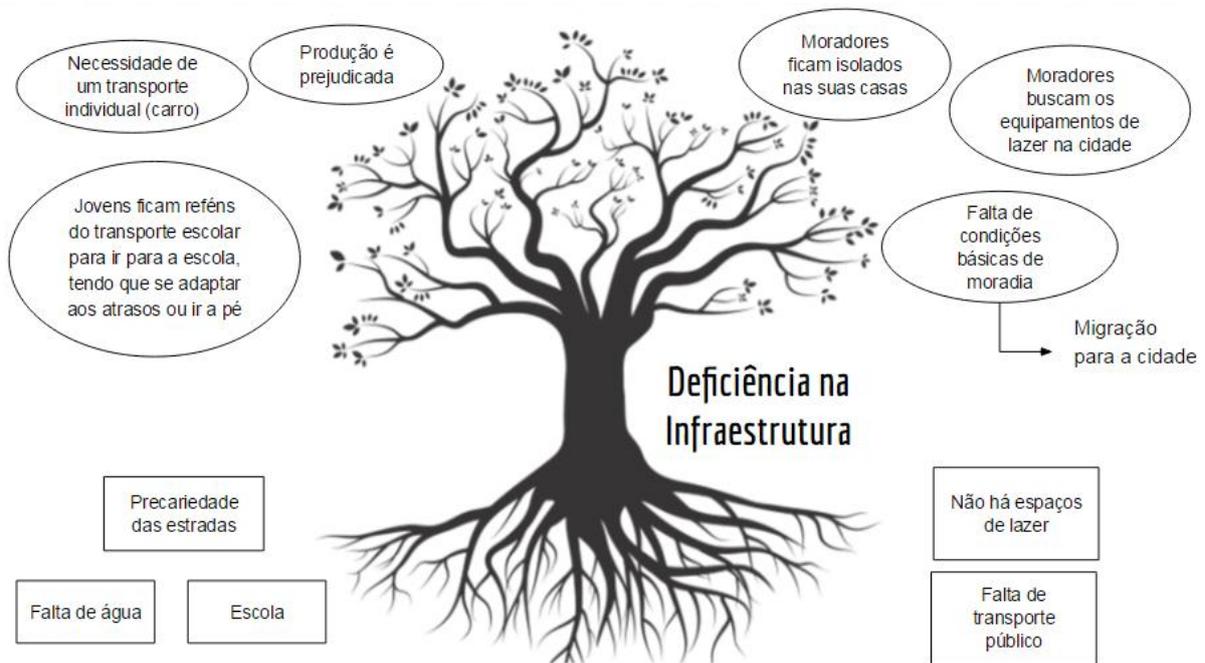


Figura 5

As quatro figuras representadas, apesar de ilustrarem desafios centrais distintos, abordam temas diretamente relacionados entre si. Estes esclarecem a insatisfação dos jovens diante da situação em que se encontram, são os entraves que impedem o desenvolvimento do assentamento e assim, conseqüentemente, conectado ao problema central da pesquisa.

Levando em consideração os desafios levantados, vale ressaltar que estes se relacionam com o que foi encontrado nas entrevistas realizadas com os 33 moradores do assentamento. Apesar de não estruturadas como os quatro macros desafios citados anteriormente, são diversos os moradores que apresentam queixas e críticas acerca destas questões relatadas acima.

## 5. Perspectivas para que os jovens fiquem no campo

Além de traçar os desafios enfrentados em seu cotidiano, a partir de uma entrevista com jovens do assentamento, foi possível analisar quais as possíveis perspectivas futuras e o perfil geral dos mesmos. De acordo com os jovens entrevistados, a maioria enxerga a juventude como um novo ciclo de mudanças para o assentamento. Ademais, além de familiares em alguns casos, acredita-se que a conexão com a terra e todo seu ciclo de produção é um dos principais envolventes para sua permanência no local. Entretanto, os principais problemas destacados para a evasão do jovem foram: necessidade de suprir demandas básicas, tais como educação e lazer; desvalorização do jovem rural; base familiar, isto é, muitas vezes as antigas gerações não compreendem as necessidades atuais; e falta de motivação coletiva. Elementos já relatados ao longo do texto. Como uma das tentativas de solução desses problemas, foi criado o grupo de jovens.

De acordo com a dissertação *“Da Formação de Grupos à Ação Coletiva: Uma Análise com Grupos de Jovens do Assentamento Rural da Fazenda Ipanema – Iperó SP”* de Cristina Suarez, foram muitas as tentativas para criar um grupo de jovens. Apesar de grande entusiasmo, o grupo sempre encontrou dificuldades como longa distâncias de casa até o local da reunião, falta de transporte, falta de apoio da família e excesso de tarefas domésticas. Isso se deve a falta de estrutura local, ou então, ao pouco espaço concedido pelas gerações anteriores que ali vivem há anos. Ademais, devido ao fato de várias tentativas de recomeço, atualmente os jovens se encontram frustrados. Nesse sentido, diversos atores se envolveram e abandonaram a causa, por essa razão, a comunidade perde esperança de novas perspectivas.

Segundo um dos integrantes do grupo, “reunir os jovens aqui no assentamento é muito difícil, e não é por acaso, muitas foram as tentativas desastrosas que somente dispersaram e deixaram suas marcas”. Espera-se que com o novo grupo que está se formando, atualmente com seis jovens, o quadro possa se reverter. “Este nosso grupo de jovens, por menor que seja, é um grito de resistência em meio a tanto cansaço. Não podemos falhar com eles”, diz.

## 6. Conclusão

Como foi dito no início, tratou-se neste trabalho de utilizar uma pesquisa exploratória para o mapeamento do problema e levantamento de hipóteses para suas causas. O teste das hipóteses não foram exaustivos e refletem a abordagem de apenas 21 dias de pesquisa em campo, sem um levantamento bibliográfico e acesso a dados estruturados prévios.

Nesse contexto, foi possível mapear que os principais entraves enfrentados pelos moradores do assentamento estão na produção, comercialização, infraestrutura e desunião. Esses fatores corroboram para o êxodo rural dos jovens, que despontou como o principal desafio para o desenvolvimento local.

Ao longo do trabalho, em conjunto com os jovens, o grupo buscou analisar quais são as motivações dos jovens no assentamento Ipanema. A partir das experiências obtidas, foi possível observar padrões para aqueles com perspectiva de permanecer no local. Entre elas está o ambiente familiar, ou seja, a maioria está imerso em um ambiente cujo pais foram militantes e lutaram pela terra. Desse modo, os filhos incorporam o sentimento de luta para manter aquilo que sofreram para conquistar. Além disso, existe uma parcela de jovens que compreende as técnicas de manejo da terra - maior parte das vezes é ensinado pela família. Isto posto, passam a enxergar a agricultura como uma forma de vida viável.

A partir de um convívio com os jovens, foi possível identificar um grande potencial político no grupo, que considera se colocar como articulador para a promoção de mudanças e o estabelecimento de um laço de cooperação entre o assentamento Ipanema e a Floresta Nacional de Ipanema. Entendemos a formação coletiva desses jovens como a principal perspectiva para que eles tenham a oportunidade de permanecer no campo.

Como dito por um dos integrantes, “faltam possibilidades de colocarmos em pratica nossos sonhos quanto comunidade, sempre existiu a vontade e a disposição, mas nem sempre isso foi o suficiente”. É importante ressaltar que os jovens estão engajados e comprometidos com a causa, mas que a “chama” pode rapidamente se apagar. O grupo precisa de um projeto que envolva todos os jovens em cima de uma causa em comum, e que última instância, garanta a autonomia para os seus integrantes.

## 7. Bibliografia

ANDRADE, R. Luiza Dulci do MDA fala sobre o êxodo rural de jovens. *Jornal Entreposto*, 2015. <<http://www.jornalentreposto.com.br/je-revista/61-vida-rural/713-luiza-dulci-do-mda-fala-sobre-o-exodo-rural-de-jovens>>. Data de acesso: 20 de out. 2016.

BRASIL, Lei No 9.985, de 18 de julho de 2000.

CAMARGO, R.; BACCARIN, J.; SILVA, D. O papel do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no Fortalecimento da Agricultura Familiar e Promoção da Segurança Alimentar. *Revista Temas de Administração Pública*. Araraquara, v.8, n.2, 2013.

CASTRO, E. et al. Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro. Mauad Editora Ltda., 2009. 239 p.

IBGE. Censo Agropecuário 2006. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. IBGE, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/>> . Acesso em 20 de out. 2016.

PORTAL BRASIL. Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>>. Acesso em: 17 de out. 2016.

VELASQUEZ, C. Da formação de grupos à ação coletiva: uma análise com grupos de jovens do assentamento rural da fazenda Ipanema - Iperó-SP. 2002. 145 p. Dissertação (Mestrado) – USP Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba. 2002.